

GENÉTICA E MULHER: ASPECTOS EUGÊNICOS NA SOCIEDADE CIENTÍFICA OCIDENTAL DO SÉCULO XX

Gustavo Piovesan (UEM)¹

O presente artigo é fruto de algumas leituras para uma pesquisa sobre modelos de explicação genética e o ensino de ciências, ainda em desenvolvimento, na Universidade Estadual de Maringá. A genética inicia sua história nas investigações teóricas sobre hereditariedade da Grécia Antiga. Contudo, foi somente a partir do surgimento das teorias de evolução, no século XIX, somadas à redescoberta dos trabalhos de Mendel, em 1902, que as investigações deste ramo do conhecimento biológico tenderam a um aprimoramento e estruturação de seu corpo teórico ou, nas palavras de Kuhn, iniciou-se o processo da ciência normal. Durante o período que compreende os anos 1920-1980, inúmeras pesquisas na área de genética do comportamento deixaram, graças ao pensamento causal/determinista, marcos na história da sociedade ocidental, no caso particular deste estudo: a deterioração da figura do feminino e o reforço de uma ideologia dominante dos grupos neoliberais da Inglaterra e Estados Unidos. Isto por que boa parte dos resultados das pesquisas que tentavam comprovar a hereditariedade de fatores essencialmente sociais continha inúmeros problemas metodológicos, os quais, ainda sim foram publicados e, como resultado, deixaram um legado de supremacia da figura do masculino sobre a figura do feminino – um pensamento com raiz eugênica, mas apoiado em pesquisas sobre sexualidade, comportamento, QI e genética. Para o desenvolvimento deste artigo focou-se, principalmente, uma análise de três obras, as quais se constituem como referências no campo da história e epistemologia das ciências. Tais obras são: DNA: o segredo da vida, de James D. Watson; Genética e Política, de R. C. Lewontin e; O Século do Gene, de Evelyn Fox Keller.

Palavras-chave: determinismo biológico, sociedade, mulher.

¹ Mestrando em Ensino de Ciências – Universidade Estadual de Maringá. gpiovezan@gmail.com